

ANÁLISE PERFORMÁTICA DA PALAVRA VALA EM “TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA”, DO INSTITUTO VLADIMIR HERZOG

*Performative analysis of the word 'ditch' in Vladimir Herzog
Institute's "Territories of Memory"*

Elke Streit de Oliveira¹

Resumo: A partir do conceito de fórmulas discursivas de Krieg-Planque (2010), baseado na concepção performativa da linguagem, este trabalho propõe uma análise da palavra “vala” enquanto tema central de uma série documental para a plataforma do YouTube, publicada no canal do Instituto Vladimir Herzog. O material audiovisual foi produzido por ocasião da abertura da Comissão da Verdade, em 2014, no Governo da Presidenta Dilma Roussef. A “vala” conecta o momento histórico registrado no documentário ao passado do regime ditatorial civil-militar, bem como ao que viria a ocorrer no Brasil por ocasião da pandemia de COVID-19, imprimindo seu protagonismo na história recente de um país marcado por sua violência estrutural.

Palavras-chave: Comissão da Verdade; Instituto Vladimir Herzog; Vala; fórmulas discursivas.

Abstract: Krieg-Planque's discursive formulas (2010), based on the concept of the performance of language, is the theoretical foundation to this work

¹ Professora EBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, doutoranda em Ciências das Religiões Pela Faculdades Unida de Vitória. elkstreit@gmail.com

which analyses the word “ditch” as the main subject of a YouTube documentary series, published on Vladimir Herzog Institute’s channel. The audiovisual material was produced due to the opening of “The Truth Commission”, in 2014, during President Dilma Roussef’s first mandate. The “ditch” links the historical moment recorded on the documentary to the past, when there was a 21-year-old civil-military dictatorship, as well as to the tragedy to come to Brazil due to the COVID-19 pandemic. This way, the word “ditch” imprints its main role in the history of a country scarred by its structural violence.

Keywords: The Truth Commission; Vladimir Herzog Institute; ditch; discursive formulas.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história das ideias linguísticas, há se pensado o papel das palavras, seja no léxico, seja na estrutura. Há algumas décadas, porém, especificamente desde Saussure e a concepção da semiótica, os estudos das línguas e da linguagem estenderam suas fronteiras para além do interior da palavra - para o ‘contexto’ (DIJK, 2017); os estudos da indicialidade, a teoria dos atos de fala e a análise do discurso crítica, até abordagens que envolvem a psicologia cognitiva e a inteligência artificial, para citar algumas dessas mudanças de perspectiva em percurso, retornam ao começo - a palavra -, porém, com uma bagagem científica interdisciplinar. Estuda-se a palavra não mais como uma unidade lexical dentro ou fora de uma oração, e sim como um ente performático, que gera mudanças no mundo enquanto ela mesma sofre mudanças. Conforme Krieg-Planque (2010), professora da Universidade Paris 12 e estudiosa da relação das ‘fórmulas’ em análise do discurso e a função destas na construção e estruturação dos

espaços públicos, pode-se afirmar que palavras como ‘cemitério’ e ‘vala’, de que tratam esta pesquisa, agem na realidade concreta:

A palavra “intégration” torna-se um slogan (ibid.: 28) (referência da autora), “uma palavra de ordem” (ibid.: 29) (referência da autora), uma palavra que adquire, em sentido amplo, uma função ‘performativa” (idem). Impulsionada por um acontecimento, uma palavra se impõe (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 25).

Portanto a teoria das fórmulas discursivas demanda uma bagagem teórica interdisciplinar para abarcar em análise do discurso a criação e ação das fórmulas discursivas, tal qual uma palavra como ‘vala’, objeto da análise deste artigo a partir de relatos sobre a tragédia da Ditadura Militar no Brasil. Em uma entrevista, Krieg-Planque (2011) admite essa complexidade teórica e o desafio de desenvolver corpora para as análises:

É sem dúvida graças aos cortes realizados que o (meu) livro pode ser bem acolhido por disciplinas e por revistas tão diversas: nas Ciências da Linguagem, certamente, mas Também em Ciência Política, História, Sociologia, Ciência da Informação e Comunicação (...) (corte nosso) (KRIEG_PLANK, 2011, p. 11).

E ainda:

Você acaba de ler a passagem na qual proponho uma caracterização da noção de fórmula. Recorri a ela para analisar um conjunto de discursos que se referem, principalmente, às guerras iugoslavas dos anos 1990, mas poderíamos também ver, dessa perspectiva, formulações como “direito de ingerência”, “mundialização”, “globalização”, “choque de civilizações”, “exclusão”, “fratura social”, “desenvolvimento sustentável”, “comércio justo”, “governo responsável” “patriotismo econômico”... (KRIEG_PLANK, grifos do autor, 2011, p. 11).

Analisaremos aqui, sob a abordagem da palavra como criadora e transformadora de si, de pessoas e de contextos, os relatos dos episódios 1 e 2 dentre os quatro que compõem o documentário “Território da Memória”, disponíveis no canal do *Youtube* do Instituto

Vladimir Herzog. Também focaremos nos agentes enunciadore sob a teoria de uma ética discursiva na escolha de palavras. Nosso foco será a palavra 'vala'.

À parte as discussões históricas, este artigo também terá por referencial a página "Memórias da Ditadura", na web, onde se encontram relatórios das provas periciais existentes dos crimes do Estado Brasileiro cometidos contra cidadãos como eu e você, de 1964 a 1985.

Uma, das milhares de vítimas de tortura e assassinato pelo Estado Brasileiro sob a Ditadura Militar, foi o jornalista Vladimir Herzog, que se tornou um ícone da luta por direitos humanos no Brasil. O Instituto Vladimir Herzog foi criado em 2009 por amigos e familiares do jornalista e desde então tem sido reconhecido internacionalmente e recebido vários prêmios pela defesa de direitos humanos. O Instituto tem, inclusive, um canal na plataforma audiovisual do Youtube e, nesse canal, existe uma série com quatro vídeos que tratam de direitos humanos, mas, especialmente, de genocídios, desaparecimentos de "indigentes" (aspas nossas) em valas e, recentemente, a descoberta das ossadas desses desaparecidos no Cemitério de Perus, ou Cemitério Dom Bosco, ou, como recentemente renomeado, Colina dos Mártires, na zona norte da cidade São Paulo-SP.

A Metodologia consiste em coletar discursos dos episódios 1 e 2 de sujeitos em diferentes perspectivas do assunto 'vala' e identificar os momentos em que a palavra 'vala' surge. Cada episódio será marcado e contextualizado. À medida em que o corpus é apresentado, a análise discursiva segundo o referencial teórico selecionado e mencionado direta ou indiretamente será realizada. O objetivo deste trabalho é apontar para o fato de que palavras criam e transformam a si, as

peças e os contextos, além de serem objetos de análise ética, trazendo à luz da análise discursiva uma única palavra, 'vala', que percorre, desde sua concretude à sua coletivização, perpassando por sua metaforização, a senda de seu protagonismo sócio-histórico.

O corpus pode ser encontrado no canal do Youtube do Instituto Vladimir Herzog, na *playlist*, ou série, "Territórios da Memória", episódios: (1) 'Perícia, memória e territórios'; (2) 'As lutas e memórias de Perus – para além da vala'".

1. EPISÓDIO 1: PERÍCIA, MEMÓRIA E TERRITÓRIOS

Este episódio apresenta o cemitério de Perus, ou Dom Bosco, construído em 1971 para enterrar clandestinamente as vítimas do Estado Brasileiro sob a Ditadura Militar vigente de 1964 a 1985. Com a Comissão da Verdade, inaugurada em 2011, o cemitério de Perus tornou-se terreno de escavações em busca de presos políticos desaparecidos. O apresentador segue fazendo os agradecimentos às pessoas cujo trabalho em Perus tem sido realizado mediante *adversidades* (destaque nosso).

Eles também descrevem o trabalho forense de análise das ossadas e concluem que a maioria das pessoas foi executada ao longo do tempo que excede o período da Ditadura Militar e, ao resgatarem suas identidades, é possível traçar perfis dos grupos de vítimas dessas execuções.

Faz-se importante destacar que eles não se referem à palavra 'vala' em momento algum nesse primeiro episódio ao apresentar o tema da série, mas citam a palavra 'cemitério'. Essas pessoas vestem jalecos e são cientistas. Haveria alguma relação na escolha das

palavras para nomear o mesmo objeto que possa ser atribuída à pressuposta impessoalidade do cientista e à pressuposta sentimentalidade da pessoa engajada, como um familiar de uma das vítimas? Aquele se refere ao objeto como *cemitério*; esta, como 'vala'. Segundo Marie-Anne Paveau (2015), professora da Universidade de Paris 13 e proponente da integração de parâmetros éticos à análise do discurso, essa diferenciação habita a dimensão moral da enunciação:

Como a dimensão moral é explicitamente formulada nos metadiscursos, parece-me legítimo que o linguista atente para a questão de suas manifestações linguageiras e discursivas. A noção de "virtude discursiva" responde a essa questão: existe certo número de critérios que, em certa época, lugar e sociedade, definem para os usuários do discurso a aceitabilidade moral de um enunciado (PAVEAU, 2015, p. 26).

Embora 'vala' possa ser ou não uma unidade dentro de um 'cemitério', se aberta em um cemitério, diferencia-se conceitualmente de 'cemitério', nesse caso, por ser temporária devido à sua função de receber cadáveres pra serem enterrados. Mas *vala* também está abaixo de 'cemitério' na hierarquia axiológica da linguagem e da arquitetura que envolve os agentes dos enunciados. Aqui, os cientistas optam por falar 'cemitério', ainda que os objetos de suas análises científicas tenham saído especificamente da *vala*. No episódio 2, todos os demais entrevistados chamarão o local todo de *vala*, embora a *vala* seja só parte do cemitério, e 'cemitério' será mencionado apenas uma vez, no sentido de 'administração', parte da 'vala' / 'cemitério' de Perus onde se encontram os registros dos indigentes ali enterrados.

Essa escolha entre 'cemitério' e 'vala' para denominar o que ora é cemitério, mas também chamado de *vala*, e o que ora é *vala*, mas também chamada de cemitério, aponta para um campo da linguagem que a flagra subjetiva e, para além disso, axiológica, embora

não se trate, nesse caso específico, de um problema moral e ético no sentido estrito. Ainda assim, parece pertinente a pergunta: o que é mais virtuoso? Atribuir a palavra cemitério ao objeto que corresponde a ela, assim como a palavra 'vala' ao objeto que corresponde a ela objetivamente? Que efeitos performáticos o pretense critério da objetividade na linguagem produz nos contextos textual e sócio-histórico?

Considerando que 'vala', e não 'cemitério', é a palavra que se constrói performática, atuante, enfim, protagonista no contexto de sua enunciação e de seus enunciadores, escolhê-la em detrimento da sua alternativa é fazer uma escolha política. *Vala* é o que carrega a memória da violência estrutural da sociedade brasileira ancorada, especialmente, no racismo igualmente estrutural; o mesmo não se pode dizer de 'cemitério'. Escolhas aparentemente sutis, mas carregadas de subjetividades como valores, ideologias e perspectivas, são feitas a todo momento nos discursos e produzem certos efeitos em detrimento de outros quanto à fossilização ou questionamento desses mesmos valores, ideologias e perspectivas. A escolha por 'vala' é uma escolha pelo questionamento e é feita por enunciadores em questionamento; palavra e enunciador, ambos indissociáveis.

2. EPISÓDIO 2: AS LUTAS E MEMÓRIAS DE PERUS – PARA ALÉM DA VALA

“O descobrimento da vala” é a primeira frase que surge no episódio 2 proferida por Toninho, antigo administrador do cemitério Dom Bosco. Em seu relato, ele disse que começou a desconfiar do aumento de escavações e corpos ditos 'indigentes' e, quando buscou registrar os corpos, seus superiores o impediram. Em suas investigações, ele descobriu que a 'vala' era para os “militantes estudantes e que

militavam por uma democracia melhor” (palavras de Toninho). Ele entrou em contato com familiares e pediu a eles que abrissem uma investigação formal e juntos iniciaram um movimento de escavações e identificação forense. Ao todo, ele proferiu a palavra ‘vala’ oito vezes e ‘cemitério’ apenas uma, no sentido de ‘administração’. Eis a transcrição da fala de Toninho na íntegra (grifos nossos):

O descobrimento da *vala*, assim, vamos dizer, eu não sabia de nada, eu não sabia que ali poderia ter, é alguns militantes, os estudantes que militavam na época por uma democracia melhor; eu não sabia que tinha nada ali. Apenas eles me recomendaram muito cuidado com os indigentes; foi aonde eu passei a procurar ter mais conhecimento, melhor, lá no *cemitério*, na administração, dos livros de registro dos indigentes.

Então eu notei que constava o destino dos ossos quando os familiares requeriam; os indigentes, não; mas pra mim era indigente comum que vinha muito pra cá, pra Perus, como vem até hoje. Lá não constava o destino dos ossos e eu fiquei preocupadíssimo pra saber aonde é que ‘tavam esses ossos: não me era dito, me era negado de todas as formas com quem quer que seja que eu fosse procurar essa informação. E da parte dos meus superiores, era me dito que eu não mexesse com isso daí, que eu ficasse quieto. E fui... e aí eu percebi que tinha algum resquício de coisa errada, né; que eles estavam escondendo alguma coisa, por que esconder tantos ossos?

No meu levantamento aí eu comecei a investigar. Eu fui investigando, procurando, procurando, até que eu consegui uma informação de um dos servidores, que me veio uma luz divina, de um ser superior, que lá só tinha uma retroescavadeira e só um funcionário operava essa retro. Eu falei: “pra caber tantos ossos tem que ter feito uma *vala*, né?” E foi dito: ele, com muita insistência minha, ele me relatou que tinha feito, aberto, uma *vala* a mando da chefia maior, aí ele falou que tava lá. Aí restava eu realmente constatar que ela estava naquela área.

Depois houve a anistia e a reivindicação dos familiares que estavam extraditados; eles retornaram e começaram a procurar; foi quando eu tive certeza de que aquela pessoa que eles estavam procurando, no caso, por exemplo, do Nelson Bremer (veio com esse codinome de Nelson Bremer, mas o nome dele é Luís Eurico Teixeira Lisboa, marido da Suzana Lisboa; ela fez

parte; eu pedi que criassem uma comissão de familiares para que eles tivessem mais força e me dessem amparo pra que eu continuasse pesquisando e procurando, porque eu tinha certeza de que um daqueles militantes que eles estavam procurando estava na *vala*, né, como de fato ocorreu.

É então aí que eu descobri a *vala clandestina*: por intermédio da comissão dos familiares, da persistência deles e da minha procura e persistência nós descobrimos a *vala* (Toninho, ex-administrador do cemitério Dom Bosco).

Do relato do ponto de vista administrativo e investigativo de Toninho, não sem emoção, em que *vala* é o buraco feito por uma retroescavadeira, segue o relato de José Soró, Coordenador da Comunidade Cultural Quilombaque, da região onde estão as *valas*. Ele profere a palavra *vala* apenas uma vez dentro de uma enumeração de atos de genocídios na história daquela região: os guaranis, os sindicalistas, a *vala* e o genocídio do povo preto desde o passado, passando pelo presente e no futuro.

Nós atuamos a partir de uma definição chamada "violência". Então pra gente, a gente acabou optando por aqui por integrar os crimes da ditadura militar, né, por conta da *vala* de Perus etc e tal, mas compreendendo que toda a mortalidade da sociedade, que tá presente no genocídio da população negra, né, que vem de antes da Ditadura e segue dentro da Ditadura e ultrapassa, e até hoje é presente, né? (José Soró, Coordenador da Comunidade Cultural Quilombaque).

A gente tem um trabalho de preservação da memória desse território, pra gente contar o desenvolvimento do Brasil em alguns pontos e patrimônio histórico que teve aqui na região, é, desde a luta dos Guaranis, do Jaraguá; tem a luta dos operários da fábrica, dos operários queixada; teve a luta do MST, né, o irmão Humberto, o assentamento; tem a luta, também, da questão da *vala* comum e os movimentos culturais preservando essas memórias. Aqui, a gente, com a questão da cultura negra fazendo os tambores ancestrais como essa memória, mas o que a gente traz

de muita força é a luta operária que os queixadas deixaram, que é a luta da não violência, né? (Cleiton Ferreira, Cofundador da Comunidade Cultural Quilombaque).

O *Cemitério*, no discurso do episódio 1, é uma tragédia que está sendo abordada pela ciência e em seus aspectos jurídicos. A *vala*, no segundo episódio, passa de escavações feitas por retroescavadeiras que contém ossos para análise pericial a uma das formas de genocídio listada pelo coordenador da Comunidade Cultural Quilombaque. Os demais entrevistados, que vivem na região também proferem *vala* no contexto de sua condição humana: genocídios, invisibilidade, impotência, luta, e o direito à cultura e à memória. Mas a palavra *vala* não pára por aí; ela continua escavando e trazendo ossos à superfície no relato do Cofundador da Comunidade Cultural Quilombaque, o jovem Cleiton Ferreira: de escavações de ossos e pesquisas científicas em um *cemitério*, no primeiro episódio, há o legado dos Queixadas naquele território, do que veio a se tornar a *vala*: trabalhadores da fábrica de cimento de Perus e sua luta com não violência ativa pela causa de todos os vulneráveis, mantendo uma greve de sete anos, a mais extensa de que se tem notícia.

De um objeto concreto, a *vala* passa, de um episódio a outro em um mesmo documentário, à condição de violência e invisibilidade em toda a história, especialmente do povo preto. Segundo Krieg-Planque (2010), o processo de metaforização de um termo concreto se dá com a palavra *pão*, como neste artigo se dá com *vala*:

A junção efetuada pela conjunção de um termo do concreto social imediato e cotidiano com termos abstratos políticos ou em designações de objetos políticos produz um efeito de metaforização: a gramática é diretamente responsável, parece, pela novidade simbólica conquistada por *pão* (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 29).

Nesse sentido, em um primeiro estágio, um curto percurso estabelecido nos dois primeiros episódios da série documental metamorfoseia ‘vala’ de um termo concreto social imediato a uma metáfora: de um buraco escavado ou produto de erosão; de um buraco escavado em um cemitério contendo ossos clandestinos de pessoas assassinadas pelo Estado Brasileiro; de um problema científico, jurídico e de Estado; e, ainda, de um esconderijo para ossos que pararam em laboratórios; ‘vala’ passa a ter uma história de descoberta e reivindicação. Já não é apenas uma vala, mas uma vala contendo histórias de violência estrutural na sociedade brasileira: a vala protagonista.

Em um segundo estágio, a partir das evidências dentro da vala que conduzem à reflexão sobre violência estrutural, a vala deixa seu protagonismo e se agrega a um grupo de símbolos de um fenômeno que os abarca a todos e cuja temporalidade é centenária, para além dos 21 anos de Ditadura Militar: o genocídio brasileiro do povo preto e a invisibilidade social estruturais.

Em 2019, o então presidente Jair Messias Bolsonaro, proferiu uma de suas muitas e famosas fórmulas discursivas, “Quem procura osso é cachorro” (Brasil de Fato, 2019), ao encerrar grupos responsáveis por identificar ossadas de vítimas da ditadura por meio de decreto, incluindo o Grupo de Trabalho Perus. O mesmo presidente, que orgulhosamente se identifica como militar, durante a pandemia (G1, 2020) afirmou “Não sou coveiro” e “Todos vão morrer um dia”. À época, o Brasil registrava oficialmente 2.575 mortes e 40.581 casos de contaminação pela pandemia. Conforme Paveau (2015), há que se examinar o discurso não como médicos legistas, sob uma ótica

estritamente científica, e sim, sob uma proposta moral e ética; o sujeito performático do Grupo de Trabalho Perus não é o cemitério – são as valas.

Nesse contexto, a vala inicia seu percurso inverso de ato para metáfora e, por fim, restabelece seu lugar primeiro de substantivo concreto e concretizado nas vidas de milhões de brasileiros. Haveria, ainda assim, a possibilidade de a vala destinada às vítimas da pandemia retornar ao seu status performático e político: trata-se de uma questão de fórmulas discursivas, análise performática e tratamento ético e moral do discurso.

Portanto, a partir de um corpus específico de origem audiovisual e documental sobre os trabalhos de identificação das vítimas da Ditadura Militar no Brasil desovados em valas no cemitério de Perus, este artigo em análise do discurso, sob uma abordagem axiológica, de fórmulas e performance discursivas, apenas vislumbra as possibilidades de a palavra objeto deste artigo, que se mantém recente e profusamente repetida por todos os meios de comunicação – ‘vala’ – ser estudada como parte de mais um episódio que também se torna traumático em proporção sócio-histórica para o Brasil – a pandemia do coronavírus -, quando a produção de valas não é mais escondida na calada da noite, como o foi no período da Ditadura Militar, ou invisibilizada pela violência estrutural – vitimando os mais vulneráveis da sociedade -, mas exposta aos olhos da população nos telejornais e em outras peças audiovisuais veiculadas na Internet. Tudo isso protagonizado por fórmulas discursivas carregadas de ideologia que produzem efeitos na vida social passível de avaliação axiológica.

REFERÊNCIAS

FOSSEY, M. F. Educação sexual e aborto: percursos, sentidos e algumas considerações sobre corpora. In: MOTTA, A.R. SALGADO, L. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

O maior acervo online sobre a História da Ditadura no Brasil. **Memórias da Ditadura**. Disponível em: http://memoriasdaditadura.org.br/?gclid=jwKCAjwgOGCBhAIEiwA7FUXkpDVC_bPRNXhiSM6ooeEsLyX9ovLmd1txnVk8-E-33bEjbaqG3x6RVhoCluoQAvD_BwE. Acesso em: 22/03/2021.

Sobre o Instituto Vladimir Herzog. **Instituto Vladimir Herzog**. s/d. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/sobre-o-instituto/>. Acesso em: 22/03/2021.

Perícia, memória e territórios. **Instituto Vladimir Herzog**. s/d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SUM8xrHQW_M. Acesso em: 22/03/2021.

As lutas e memórias de perus. **Instituto Vladimir Herzog**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=afgVXDL-9Kk>. Acesso em: 22/03/2021.

Territórios da Memória - Episódio #3: Ocupar os territórios, ocupar as memórias. [20/11/2019], 2019. 1 vídeo (9:37min). **Instituto Vladimir Herzog**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmurCQIAJ84>. Acesso em: 22/03/2021.

Territórios da Memória - Episódio #4: A arte e a cultura como memória dos territórios. [27/11/2019], 2019. 1 vídeo (9:56min). **Instituto Vladimir Herzog**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1io6rf6XhXc>. Acesso em: 22/03/2021.

PLANK-KRIEGUE, A. **Fórmulas discursivas**. São Paulo; Contexto, 2011.

DIJK, T. A. V. **Discurso e contexto**. São Paulo; Contexto, 2017.

PAVEAU, M-Anne. **Linguagem e moral**. Campinas; Editora Unicamp, 2015.

Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/22/bolsonaro-encerra-grupos-responsaveis-por-identificar-ossadas-de-vitimas-da-ditadura>. Publicado em: 22/04/2019. Acesso em: 26/11/2023.

G1. Disponível em

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>.

Publicado em: 20/04/2020. cesso em 26/11/2023.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

OLIVEIRA, E. S. de. Análise performática da palavra *Vala* em “Territórios da Memória”, do Instituto Vladimir Herzog. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 8, nº18, jul-dez/2023, p. 94-107.